

Franco diz que política cambial foi decidida pelo presidente

economia Brasil
**Em depoimento à CPI,
ex-presidente do BC
rebate acusação de
Simon sobre prejuízo**

SORAYA DE ALENCAR

BRASÍLIA – Em depoimento à CPI dos Bancos, na noite de terça-feira, o ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco defendeu a política cambial de bandas que manteve até janeiro e disse que faria tudo “igualzinho” novamente. Ele rebateu a acusação senador Pedro Simon (PMDB-RS) de que teria provocado um prejuízo de US\$ 50 bilhões ao País ao insistir naquela política. “Não sei como foi feita esta conta”, rechaçou.

Durante mais de cinco horas, Franco e o também ex-presidente do BC Gustavo Loyola prestaram depoimento à comissão, que teve o comparecimento máximo de seis senadores. A discussão entre Simon e Franco ocorreu na última hora do de-

poimento, já na madrugada de ontem. Sempre permeando as acusações com elogios, o senador quis saber porque Franco insistiu na política de bandas. “A política, senador, nunca foi minha”, afirmou. “A política sempre foi do presidente Fernando Henrique Cardoso”, insistiu. “O presidente foi quem decidiu mudá-la; ele é o dono da política cambial.”

As afirmações de Franco inquietaram mais ainda o senador gaúcho, que questionou: “Quem fez a cabeça do presidente? O presidente não entende de economia.” Mais uma vez, Franco não assumiu a responsabilidade exclusiva e garantiu que ela nunca foi uma decisão isolada, mas discutida com a equipe econômica, com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente.

“Faria tudo igualzinho”, dis-

se o ex-presidente do BC. “Não mudava nada.” Ele salientou, no entanto, que se pudesse ter tido informações antecipadas sobre as crises da Ásia, em outubro de 1997, e da Rússia, em agosto do ano passado, teria alertado seus superiores para fazer o ajuste fiscal mais rápido.

Para Franco, o que faltou ao Brasil foi fazer o dever de casa e cumprir todo o pacote 51. Ele se referia às medidas fiscais preparadas depois da crise da Ásia, que não chegaram a ser totalmente adotadas pelo governo.

Simon questionou, então, a ampla abertura da economia, com o aumento das importações no início do Plano Real que, segundo ele, quebraram muitas indústrias. Mais uma vez, Franco defendeu as políticas adotadas e disse que, em julho de 1994, o nível de importa-

ções brasileiras era pior que o da União Soviética.

O debate com Simon, no entanto, não foi o único momento de tensão para Franco. Ele também foi questionado pelo senador Eduardo Suplicy (PT-SP) se não teria sido o responsável pelo vazamento da informação sobre a sua saída do BC. Com cuidado, Suplicy formulou a questão, perguntando a ele se não teria conversado com amigos e “vazado involuntariamente” a informação. Irritado, Franco rebateu: “A resposta é não.” E justificou, afirmando que “sempre soube guardar segredo quando o interesse público estava envolvido”.

Franco e Loyola recusaram-se a julgar o ex-presidente do BC Francisco Lopes, e sua decisão de autorizar as operações de socorro aos Bancos Marka e FonteCindam, na crise cambial de janeiro. “As circunstâncias têm de ser consideradas”, afirmou Loyola.

GUSTAVO
FRANCO:
‘FARIA TUDO
IGUALZINHO’